

# A missão dos Jogos Infantis

De **MÁRIO FILHO**  
Diretor do "Jornal dos Sports"

A idéia dos Jogos Infantis nasceu para completar a obra iniciada com os Jogos da Primavera. Era preciso trazer de novo a família para o esporte. Se não fôsse o apoio da família o esporte não teria criado raízes no Brasil, ao princípio do século. Quando o futebol alcançou plena democratização, enchendo os estádios, pouco a pouco o esporte foi prescindindo da família, como se



Momento da abertura dos Jogos Infantis de 1958, quando S. Excia. o Sr. Presidente Juscelino Kubitschek, juntamente com o criador dos Jogos, jornalista Mário Filho, aplaudiam a Bandeira Nacional.

pudesse viver sem ela. A separação entre a família e o esporte poderia condená-lo. Muitos clubes, tendo de escolher, porque, inclusive, parecia obrigatória a escolha, escolhiam, a família, dando mais importância à atividade social do que à esportiva.

Os Jogos da Primavera vieram tentar, em alta escala, restabelecer o vínculo indispensável e mais indispensável ainda para compreensão da finalidade do esporte ou para a moralização dos costumes esportivos que, sem a família, tendiam a degenerar-se. A moça, entrando para o esporte, traria a família, que representava mais do que o rapaz, mais livre ou com menos necessidade de conter-se para dar exemplos de disciplina e esportividade.

A moça dignificava, por outro lado, a futura mãe. Despertando nela o amor pelo esporte se assegurava a transmissão desse amor aos filhos. Mas era preciso resguardar os filhos, encaminhando-os desde cedo à prática do esporte. Daí os Jogos Infantis. Esses jogos tinham uma alta missão. Pretendiam e pretendem e têm de pretender sempre a criação de uma geração olímpica.

Antes dos Jogos Infantis a criança entrava para o esporte clandestinamente. Foi tal clandestinidade que marcou algumas das piores características do esporte brasileiro. Sabe-se que o clandestino é uma espécie de delinqüente. A criança, para entrar no esporte, como que enfrentava a família. Certos castigos que recebia, não por praticar o esporte e sim porque, para praticar o esporte fazia gazeta ou deixava de estudar, pela incompreensão eram ligados a uma condenação, que talvez não houvesse, do esporte, banido dos hábitos familiares. E para o delinqüente só uma coisa justificava os riscos que enfrenta: a vitória. Era o que explicava que para o esporte brasileiro só houvesse a solução da vitória, o que o enfraquecia nos momentos difíceis, quando aparecia a alternativa da derrota.

Agora a criança, através dos Jogos Infantis, é trazida para o esporte pela mão dos pais. A família, assim, aprova a prática do esporte, estimula-a, santifica-a de um certo modo. E cada pai e cada mãe alcança, em defesa do filho ou da filha, uma perfeita compreensão do esporte. A derrota deixa de ser um crime ou uma humilhação para se transformar numa das alternativas de toda competição, onde alguém tem de ganhar e alguém tem de perder.

É nossa confiança inabalável que a criança, perdendo e ganhando, ao alcançar a maturidade tenha alcançado também a mais alta compreensão do esporte. Quem perde e não se sente derrotado, quem ganha e sabe que pode perder, é invencível.

Os Jogos Infantis assumem, por isso mesmo, uma importância para a vida do esporte brasileiro que é preciso acentuar e preservar. Já estão sendo o grande celeiro do esporte da Cidade. E a massa que movimenta todos os anos, e que se vem multiplicando ano a ano, é a maior garantia de que eles cumprem a sua missão. Quanto mais praticantes tiver um esporte mais se pode assegurar a sua pureza. O amadorista exige massa. E é esta a revolução que os Jogos Infantis estão provocando e promovendo. Eles acenderam a chama sagrada no coração da infância brasileira. E estamos certos de que essa chama não se apagará jamais.